

EU ME CHAMO ANTÔNIO, DE PEDRO GABRIEL: UMA LEITURA SEMIÓTICA

Rhadly Edy Silva

Faculdade Sete de Setembro (FASETE)

rhadlyedy@gmail.com

Wellington Neves Vieira

Faculdade Sete de Setembro (FASETE)

wellington.nevieira@gmail.com

RESUMO: O presente estudo concentra-se na área da Literatura e da Semiótica e tem o objetivo de analisar como é usada a semiótica na poesia de Pedro Gabriel na obra *Eu me chamo Antônio*. A pesquisa quanto à metodologia é bibliográfica, explicativa e qualitativa e foi baseada em estudos de Peirce (2017), Santaella, Celeste e Defilippo, dentre outros teóricos, artigos acadêmicos e sítios virtuais. Explora-se o conceito de semiótica, se atendo aos estudos peircianos e suas teorias sobre as tríades do signo, bem como a construção semiótica na literatura, também se discute as principais características e tendências da Literatura e poesia contemporânea. Por fim, analisa-se a obra, desde sua apresentação estética a composição poética. Ao final deste trabalho foi possível perceber que o escritor organiza os signos selecionados de forma a compor os significados por meio das imagens representativas que podem inferir à mente interpretante, concedendo ao livro estética visual e dinamicidade.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica e Literatura; Poesia Contemporânea; Pedro Gabriel.

ABSTRACT: The investigate concentrates on the area of Literature and Semiotics. This study has as objective to Analysis how semiotics is used in the poetry of Pedro Gabriel in the novel *Meu nome é Antônio*. The research is based on bibliography, explanatory and qualitative and was based on studies by Peirce, Santaella, Celeste and Defilippo, among other theorists, academic articles and virtual sites . The concept of semiotics is explored, if we turn to Peirce's studies and his theories about the triads of the sign, as well as, the semiotic construction in literature, also discusses the main characteristics and tendencies of Contemporary literature and poetry, the biography and works of the poet Pedro Gabriel. Finally, the work is analyzed, from its aesthetic presentation to the poetic composition. At the end of this work it was possible to perceive that the writer organizes the selected signs in order to compose the meanings by means of the representative images that they can infer to the interpreting mind, granting to the book aesthetic visual and dynamicity.

KEYWORDS: Semiotics and Literature; Contemporary poetry; Pedro Gabriel.

INTRODUÇÃO

A Literatura sempre acompanhou as mudanças e as transformações da sociedade a qual representa, buscando atualizar-se em níveis estruturais, semânticos e estilísticos, de maneira a inserir-se no meio do qual faz parte, assegurando seu espaço e reafirmando seu caráter significativo. A partir da observação deste fenômeno de atualização da Literatura é que surgiu a necessidade de se fazer este estudo: ao observar o caráter peculiar de apresentação do livro “Eu me chamo Antônio”, bem como a forma estrutural pela qual as poesias são apresentadas, nasceu o interesse pelo arranjo sígnico da obra, e o questionamento sobre como estes diferentes signos podem influenciar na composição semântica das mensagens expressas pelas poesias.

Conquanto, o presente estudo tem por objetivo analisar a Semiótica na poesia de Pedro Gabriel na obra *Eu me chamo Antônio*, buscando para tanto conceituar a Semiótica, caracterizar a poesia na Literatura Brasileira Contemporânea, o autor Pedro Gabriel, sua biografia e contribuições literárias e, por fim, identificar e caracterizar a Semiótica na obra. A pesquisa quanto aos objetivos é, portanto, explicativa, pois procura interpretar e identificar os fatores determinantes para ocorrência dos fenômenos analisados.

Ainda referindo-se a metodologia utilizada, a pesquisa quanto aos procedimentos, é bibliográfica, pois, para conceituar e caracterizar os termos, foram utilizados os estudos teóricos de autores conceituados no meio acadêmico, sendo os principais: Peirce (2017), Santaella (2000, 2005), Pignatari (2004), Celeste e Defilippo (2017), além de outros artigos acadêmicos, bem como pesquisas em sites e plataformas virtuais, a vista de melhor fundamentar a análise.

Quanto ao método analítico, foi utilizada a análise semiótica peirciana, pela qual os signos são observados quanto aos níveis de primeiridade, aqui e agora, secundidade relação com um segundo, e terceiridade, contiguidade e crescimento, e suas relações triádicas: em si mesmo, com seu objeto e com seu interpretante, buscando compreender como estes se organizam para construir os significados. Por meio dos métodos aplicados e da análise realizada foi possível constatar que a semiótica é empregada na obra pela maneira como os diferentes signos se organizam e se relacionam para construir os sentidos pretendidos pelo autor.

SEMIÓTICA

O primeiro tópico do presente trabalho busca situar a obra a ser analisada em um contexto de multiplicação e aplicação da diversidade sígnica na Literatura como forma de intensificar e ampliar a competência semântica do signo. Em vista disso, busca-se uma possível conceituação da semiótica como ciência de investigação do caráter sígnico das coisas, sejam elas códigos verbais, visuais, sonoros, táteis, ou qualquer forma que se organize para construir sentidos, se atendo, de maneira particular, nas teorias fenomenológicas de Charles Sanders Peirce (2017).

A partir da análise comparativa dos fenômenos do raciocínio observados por meio da experiência, isto é, da fenomenologia, Peirce (2017) elaborou suas categorias universais do pensamento e da natureza, hoje conhecidas como Tricotomias de Peirce, que nomeou de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, segundo as quais todas as coisas, de modo geral, se organizam em uma relação triádica, cujo primeiro é livre, o segundo se relaciona com o primeiro, e o terceiro se relaciona com o primeiro e o segundo.

Peirce (2017) denota à primeira categoria da consciência o sentimento, a sensação, o instante imediato, mera qualidade em si, sem análise ou exploração. Tendo a característica de primeiro, não envolve nenhum outro elemento. Corresponde a primeira impressão das coisas, sem que haja qualquer comparação, associação ou reflexão acerca da mesma, trata-se de uma possibilidade. A secundidade está relacionada à materialidade das coisas, pois, segundo Santaella (2005) para que algo exista deve estar corporificado em algo material, real, num objeto, ou mesmo, quando relativo ao sentimento, num corpo, num ser. Esta relação entre a qualidade e o ser é o que pode ser compreendido como secundidade, visto que o segundo precisa deste primeiro para existir.

A terceiridade “[...] é a consciência de um processo, e isto, na forma do sentido de aprendizado, de aquisição de desenvolvimento mental. Este é um tipo de consciência que não pode ser imediato porque cobre um certo tempo [...] é a consciência da síntese” (PEIRCE, 2017, p. 16). É a forma pela qual o primeiro e o segundo podem ser relacionados por meio de uma mente pensante, do raciocínio em processo. Uma lei ou convenção, uma representação da representação primeira, criada para estabelecer relação entre as coisas e seus significados, suas representações.

Essas relações triádicas são aplicadas por Peirce (2017) no estudo dos signos, no qual o primeiro é o representamen ou signo, o segundo é o objeto,

e o terceiro o interpretante, assim “A palavra Signo será usada para denotar um objeto perceptível, ou apenas imaginável, ou mesmo inimaginável num certo sentido [...]. Mas, para que algo possa ser um Signo, esse algo deve “representar”, como costumamos dizer, uma outra coisa, chamada seu *Objeto*.” (p. 46, 47) Logo, signo é aquilo que é usado para substituir outra coisa, referindo-se a esta em aspectos de semelhanças e associações.

O signo mantém uma relação com o objeto e o interpretante, e estes possuem relações entre si, esta é a estrutura primária, básica deste processo de significação. O interpretante é a maneira como a mente concebe esta informação, criando outros signos para compreender o primeiro a partir de seu conhecimento prévio, da experiência, e assim sucessivamente, em um processo contínuo de crescimento ou semiose. No que compete ao signo em relação a si mesmo, Peirce (2017) afirma que o signo pode ser:

Qualissigno - quando é uma qualidade. Peirce (2017) define o qualissigno como uma sensação, de cor, de som, por exemplo, na qual não se considera o objeto material em que ela se encontra, apenas a sensação que ela provoca, de forma que a qualidade é algo que não pode ser explicado, apenas imitado. Sinsigno - singular, único, aqui e agora; a corporificação da qualidade num evento singular, particular, um fenômeno em sua ocorrência original no tempo e no espaço. Legissigno - quando é uma lei, ou seja, é convencionado a ser o que é por um processo de repetição. Peirce (2017) determina que os legissignos funcionam como signo na medida em que são manifestados, são replicados, isto é, são sinsignos replicados que geram regularidades de comportamentos, sendo, assim, capazes de gerar signos interpretantes.

A segunda tricotomia é a mais conhecida no que se refere aos estudos semióticos, e é considerada por Peirce (2017) como a mais importante dentre as tríades sígnicas. Refere-se à relação do signo com seu objeto, na qual o signo pode ser:

Ícone – o signo, aponta Peirce (2017), pode ser ícone, quando denota o objeto por meio de seus aspectos particulares, ou seja, apresenta semelhanças com o objeto por meio de qualidades, seja este objeto existente ou não; e podem ser hipoícones, ou signos icônicos, quando representam os objetos por meio de suas similaridades com este, sendo que

[...] os que participam das qualidades simples, ou Primeira Primeiridade, são *imagens*; os que representam as relações, principalmente as diádicas, ou as que são assim consideradas, das partes de uma coisa através de relações análogas em suas próprias

partes, são *diagramas*; os que representam o caráter representativo de um representâmen através da representação de um paralelismo com alguma outra coisa, são *metáforas*. (PEIRCE, 2017, p. 64)

De forma que, as imagens representam o objeto por meio da aparência, semelhança, similaridade; os diagramas representam o objeto por meio das relações internas de uma coisa com outra coisa, de forma que um possa estar conectado ao outro; e as metáforas representam os objetos por meio da comparação, não por semelhança entre as partes, mas por um caráter representativo que lhe condicionam significados paralelos ao objeto, podendo assim representa-los, é algo que envolve mentalização, convenção.

Índice – dentre as muitas descrições feitas por Peirce ao longo de seus estudos, ele concebe o índice como

Um signo, ou representação, que se refere ao objeto não tanto em virtude de uma similaridade ou analogia qualquer com ele, nem pelo fato de estar associado a caracteres gerais que esse objeto acontece ter, mais sim por estar numa conexão dinâmica (espacial, inclusive) tanto com o objeto individual, por um lado, quanto, por outro lado, com os sentidos ou a memória da pessoa a quem serve de signo. (2017, p. 74)

Compreende-se, desse modo, que o índice tem por característica a de indicar algo, não por meio da aparência que tenha com seu objeto, mas por alguma relação do signo com o objeto, sendo que estas relações podem ser determinadas pela mente do intérprete por meio de sentidos internos a este intérprete. Símbolo – é uma lei, que é determinada por uma convenção, por associação geral de ideias. Algo que apresente um significado para os interpretantes de forma coletiva para determinado grupo. Os símbolos estão na terceiridade, assim são contínuos, crescentes, contém em si ícones e índices.

Segundo a terceira tricotomia, que se refere ao modo como o interpretante interpreta a ação do signo sobre si, isto é, o modo como o signo é concebido pela consciência de um possível interpretante, o signo pode ser:

Rema - representa esta ou aquela espécie de qualidade possível. “É um Signo que, para seu Interpretante, é um Signo de uma Possibilidade qualitativa.” (PEIRCE, 2017, p. 53). Deste modo, o rema é uma qualidade descontextualizada, em sua forma pura, sem que haja um objeto para que esta se corporifique, ou apresente-se, é apenas uma hipótese. Dicissigno ou

dicente - sua existência é real, “[...] um Dicissigno deve professar referência ou relato a algo como tendo um ser real independentemente de sua representação como tal e, mais, que esta referência ou relação não deve ser apresentada como sendo racional, mas sim surgir como uma Secundidade cega.” (PEIRCE, 2017, p. 78) Assim, compreende-se que o dicente provoca a mente interpretadora a formular, por meio da experiência, uma informação acerca do signo, relacionando-o a um objeto existente ou não, mas previamente conhecido desta mente.

Argumento - uma lei que envolve um dicissigno. Peirce (2017) determina que o argumento é um signo que representa seu objeto em caráter de signo, deriva validamente uma conclusão por meio de juízos de inferências possíveis. Compreende-se, pois, que o argumento é formulado por meio de premissas que conduzem a determinada interpretação, por meio de inferências que direcionam a esta interpretação, sendo ele uma lei geral, ocasiona um mesmo significado generalizado. Por ter caráter geral, de acordo com Santaella (2000), apenas os legissignos simbólicos podem ser argumentos, sendo suas réplicas sinsignos dicentes, isto é, ocorrências particulares destes signos.

Peirce (2017) dividiu os argumentos em três tipos: dedutivos, indutivos e abdutivos. Na dedução, parte-se do estado hipotético que definimos sob certos aspectos, no qual são selecionados os possíveis para afirmar se a premissa é ou não verdadeira, a partir destas operações cognitivas infere-se uma conclusão. Na indução parte-se de uma teoria na qual se deduz os fenômenos e observa-se o quanto concordam com a teoria, de modo que, mesmo um fenômeno que se apresente de modo infinito terá uma conclusão baseada na observação, pela regularidade com que ocorrem, pois, os particulares quando replicados apresentam uma lei, uma generalidade, sendo assim passível de validação por meio da investigação.

E a “Abdução é o processo de formação de uma hipótese explanatória. É a única operação lógica que apresenta uma ideia nova [...]. A Dedução prova que algo deve ser; a Indução mostra que alguma coisa é realmente operativa; a Abdução simplesmente sugere que alguma coisa pode ser.” (PEIRCE, 2017, p. 220) Isto é, a partir da experiência pode-se inferir alguma coisa nova, uma compreensão acerca dos fenômenos observados, algo que possa ser apreendido por meio desta observação, mas que não seja apenas induzido pelo que já é.

Quando se trata de uma análise no campo da Literatura e da comunicação os significados explícitos e implícitos são instigantes tramas a serem desvendadas em seus mínimos elementos caracterizadores, posto

que estas produções são elaboradas de forma artesanal, pois, mesmo que se corporifique por meios tecnológicos, suas propriedades são pensadas, articuladas, analisadas e combinadas, cuidadosamente aprimoradas e sobrepostas de forma exclusiva e singular em cada obra de arte.

Os processos de semioses intrínsecos na construção literária são, portanto, fundamentais para a construção de significados e para alcançar as expectativas criadas pelo autor quando compõe sua obra de arte. Embasado nesta concepção, este estudo pretende analisar o uso dos signos pelo poeta Pedro Gabriel na construção da obra literária “Eu me chamo Antônio”, de forma a identificar os signos aplicados, e caracterizar a exploração semântica que deles podem ser inferidas. Antes, porém, buscando situar a obra e seus aspectos estilísticos no panorama literário brasileiro abordam-se no próximo capítulo uma síntese da Literatura contemporânea brasileira, seus elementos caracterizadores, estilos e temáticas principais, como também as principais tendências desta produção poética.

LITERATURA BRASILEIRA E TENDÊNCIAS DA POESIA CONTEMPORÂNEA

Buscando contextualizar a obra literária a qual se pretende analisar, discorre-se a seguir sobre as principais características, estilos e temáticas adotadas pelos artistas contemporâneos e como estes têm conquistado espaços antes monopolizados, principalmente, via mídias virtuais, abordando, por conseguinte, as principais tendências da poesia produzida neste período, sua relação com a multiplicidade informativa e características vigentes.

A literatura passou por significativas transformações ao longo dos dois últimos séculos, concomitantemente às mudanças sociais resultantes das Revoluções Industriais, Burguesa e Tecnológica, ao capitalismo e a globalização. Estes aspectos socioculturais influenciaram a humanidade em todas as suas manifestações e, sendo reflexo da sociedade, dela advinda e com ela interligada, a literatura transforma-se e renova-se, inserindo-se e servindo-se dos elementos industriais e tecnológicos que permeiam a realidade social contemporânea.

Todavia, não foram apenas os meios de produção e reprodução literários que evoluíram, o estilo, as linguagens, os temas, as características, as abordagens e os objetivos literários também mudaram. O grande movimento de ruptura foi o Modernismo, nas décadas de 20, 30 e 40. A industrialização e a concentração da população nos grandes centros foram

propulsoras para a nova estética, visto que trouxeram novos costumes e novos comportamentos para a população.

De acordo com Pelegrini (1995) essas mudanças sofreram influência de alguns fatores: da televisão, introduzida e difundida no Brasil a partir de 1950, o que renovou a cultura brasileira; da economia, com a consolidação do sistema capitalista, o crescimento industrial, a importação de maquinário sofisticado, de técnicas e modelos de produção; e da política, que durante o período da Ditadura Militar prescreveu os padrões de comportamento e as bases econômicas, políticas e culturais da época.

A partir de então a diversidade, a multiplicidade, os excessos passam a preencher os espaços espaciais, temporais, psíquicos e ideológicos da sociedade. Tudo se transforma em produtos mercantilizados e consumidos pela população por meio das mídias, primeiramente pelo rádio, depois pela televisão e, enfim, pela computação e internet. A literatura brasileira incorpora esta diversidade procurando dar voz aos diversos extratos da sociedade por meio da representação literária, defendem Silva e Librelon (2012), o que resulta numa estética literária heterogênea, com características particulares e variáveis entre escritores de uma mesma época.

A multiplicidade de estilos, eixos temáticos, abordagens, transpõem as diversas esferas sociais, de modo que o antigo e o novo dividem o mesmo espaço. Essas são características observadas tanto na prosa quanto na poesia da atualidade. Os percursos percorridos pela poesia enquanto estrutura assumiram uma diversidade linguística, integrando a visualidade ao verbal, de modo a concentrar a atenção do leitor por meio da diversidade de signos. A poesia seguiu o fluxo da sociedade, se reinventando, inovando-se dentro dos novos paradigmas insurgentes no contexto de cada época, assim, além das temáticas com abordagens críticas e representativas desta arte literária, os poetas contemporâneos buscam os mais diversos recursos expressivos para compor suas obras.

A tese de Renato Rezende (2014) “é que a poesia contemporânea brasileira se mantém atual e potente ao desguarnecer as fronteiras que a separam, por um lado, de disciplinas como a política e a filosofia e, por outro, ao expandir o conceito de poema para incluir novos meios e suportes.” (p. 22). De fato, a poética brasileira alcançou, desta forma, um patamar de autonomia, podendo manifestar-se de alternadas formas, enredando-se e valendo-se dos novos meios de comunicação, sem submeter-se aos conceitos restritos da poesia clássica, o que acarreta audácia e inovação, em consonância com os ensejos da sociedade contemporânea.

A pluralidade expressiva da poesia se estende as mais variadas

tendências, de modo que, os poetas contemporâneos são intensamente estéticos, tecendo à estrutura minuciosamente elaborada de sua labuta elementos subjetivos, críticos, socioculturais, metalinguísticos, seja na poesia subjetiva e reflexiva quanto aos ensejos e preocupações do indivíduo, seja na poesia de denúncia e autoafirmação das camadas marginalizadas. Outro aspecto dessa poesia pós-moderna, de acordo com Rezende (2014) é a fragmentação, o uso do espaço em branco multifacetado, no qual o menos é mais, com textos curtos, diretos, imediatos, condizentes com as características do leitor moderno que se divide em múltiplas atividades cotidianas e múltiplas linhas de pensamento em fluxo constante.

Embasado nesta perspectiva, este estudo pretende analisar a semiótica na poesia de Pedro Gabriel, autor contemporâneo que incorpora à suas obras poéticas elementos linguísticos, estruturais e suportes diversificados. Pedro Antônio Gabriel Anhorn nasceu na cidade de N'Djamena, capital do Chade – África, no ano de 1984. Filho de pai suíço, engajado em causas humanitárias, e mãe brasileira, professora de história, Pedro Gabriel veio para o Brasil aos 12 anos e teve que se adaptar à nova língua. Como consequência da dificuldade para aprender o português brasileiro, o autor desenvolveu um olhar atento para a composição fonológica e gráfica das palavras, começou então a brincar com elas, criando uma obra singular na qual une diversos elementos linguísticos-culturais e visuais em uma plataforma pouco convencional, o *guardanapo*.¹

O jovem escritor possui três obras publicadas em livros pela Editora Intrínseca: *Eu me chamo Antônio* (2013), *Segundo eu me chamo Antônio* (2014) e *Ilustre Poesia* (2016). Além de milhares de *guardanapos* publicados em seus perfis nas redes sociais pelas páginas *Eu Me Chamo Antônio*, que são diariamente atualizadas, tendo hoje um alcance de 1.084.139 curtidas e 1.083.119 curtidores pelo Facebook e mais 626 mil seguidores no Instagram.² Pedro Gabriel:

é tido como um dos destaques no que concerne à difusão de poesia visual ou de pequenos versos via meio eletrônico, utilizando-se dos jogos de palavras e daqueles de natureza sonora, além de ilustrações

1 Informações concedidas pelo autor para a editora Intrínseca, a qual publicou seus livros.

2 Informações retiradas das redes sociais Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/eumechamoantonio/>>. E Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/eumechamoantonio/>>. Acesso em junho/2018.

que complementam seus escritos, tendo estimulado uma série de publicações paralelas ao seu estilo de produção. (CELESTE; DEFILIPPO, 2017, p. 136).

Nos pequenos guardanapos ilustrados com fragmentos poéticos, ou poesia fragmentada, visto que os poemas podem ser lidos de forma individual, mas também podem ser lidos como parte de uma narrativa poética, que é apresentada completa nos livros publicados, os leitores acompanham a história de vida de Antônio, seus amores, suas conquistas, e sua constante reflexão das emoções e de si mesmo.

Eu me Chamo Antônio conta a história de vida de Antônio, alterego de Pedro Gabriel, narrado em primeira pessoa, no presente. Antônio frequenta um bar, no qual compõe seus poemas, ele se apresenta como personagem do romance e poeta despretenso. O personagem se apaixona à primeira vista, aproxima-se, conquista e vive intensamente este amor. Encantado, entrega-se, mas também manifesta seus medos e incertezas. O relacionamento acaba, e Antônio sofre com a distância e o abandono, faz poemas para manifestar sua angústia, seu sofrimento por um amor não correspondido. Todavia, após o luto por um relacionamento que não deu certo, o poeta personagem veste-se de coragem, acorda e tenta superar sua desilusão, Antônio se entrega de novo ao amor, recomeça uma nova história.

A apresentação da obra é singular e mistura a poesia à prosa. No início Antônio se apresenta e descreve o ambiente, o bar, em um texto em prosa, depois os acontecimentos vão sendo narrados por meio das poesias do personagem, apresentadas em fotos dos guardanapos rabiscados. A partir dos pensamentos e sentimentos expressos em poemas é possível compreender o que acontece na vida, sobretudo amorosa, do personagem. No final do livro os poemas são escritos em forma de legenda, com a grafia usual de imprensa, divididos em partes ou capítulos.

O livro, além dos poemas rabiscados em guardanapos e apresentados em fotos, contém diversas ilustrações feitas pelo próprio autor, dentro e fora dos guardanapos; fotografias diversas associadas ao conteúdo de cada poema ajustados nas páginas; e jogo de cores e texturas. Todos esses elementos justapostos e organizados nas páginas da obra “Eu me Chamo Antônio” fazem parte da composição de significados produzidos pelo uso destes signos num processo de semiótica que são o objeto de análise deste estudo, explanados, observados, discutidos e analisados no tópico seguinte.

A SEMIÓTICA NA OBRA *EU ME CHAMO ANTÔNIO*

Buscando identificar os signos aplicados e caracterizar seu funcionamento como representantes das mensagens transmitidas pelo autor Pedro Gabriel, apresenta-se na sequência a análise de duas poesias presentes na obra. Para tanto, foram selecionados os poemas que comportam em sua estruturação diferentes signos verbais e visuais, que são replicados em estilos semelhantes nas outras poesias do autor, servindo essas de exemplos representativos das demais.

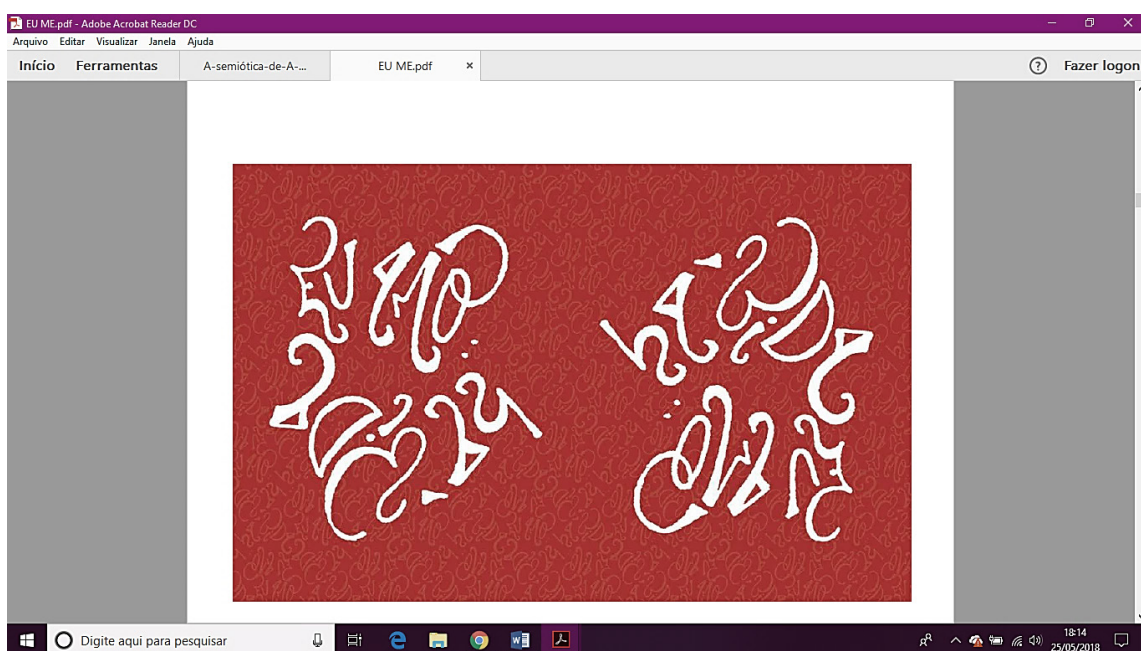


FIGURA 1 – POEMA “EU AMO: HÁ VIDA”. FONTE: GABRIEL (2013, P. 32, 33)

No primeiro poema analisado, Figura 1, os qualissignos visuais que compõem a página são as cores vermelho queimado no fundo e branca nas letras manuscritas em sentido giratório da esquerda para direita se iniciando do ponto de entrada de visão da página, ângulo superior esquerdo, formando um ciclo. Na outra página, as mesmas letras manuscritas em branco no mesmo formato, porém em sentido contrário, de forma que a frase se inicia no ângulo inferior direito da folha, área de saída do campo de visão. A mesma estrutura se multiplica no fundo vermelho da página em tamanho muito menor e numa tonalidade que une o vermelho e o branco, disposta em várias direções, funcionando como uma marca d'água sobre o vermelho.

Quanto aos aspectos icônicos, a tonalidade de cor vermelha

representa simbolicamente por meio de *legissigno*, isto é, um signo de lei, o sentimento amor. Esta cor contrasta com o branco das letras que representa a clareza, a harmonia. Há, portanto, uma construção semiótica por meio de *legissignos* simbólicos cuja semântica é praticada devido a uma convenção de uso, o mesmo ocorre com o formato construído pela disposição das palavras nas páginas, o que se assemelha à forma de um coração, Figura 2; não o coração anatômico, o órgão do corpo humano, mas a forma convencionalmente usada para representá-lo, que representa também os sentimentos e as emoções dos indivíduos, estando simbolicamente ligado às emoções e as afeições dos seres, principalmente ao amor.

Pode-se observar a formação dos símbolos icônicos por meio da disposição das palavras no papel, um na posição original, outro invertido de cima para baixo. Este símbolo exprime também o sentido de vitalidade, pois o órgão anatômico é o principal responsável por bombear o sangue para o corpo e mantê-lo vivo. Assim, o emprego do mesmo símbolo para significar dois objetos, o amor e a vida, reforça o sentido de dependência de um ao outro estabelecida na oração. A repetição deste símbolo de forma invertida na página à direita serve de argumento que denotam a ideia de que a vida e o amor perduram mesmo em meio às adversidades, as situações negativas e indesejáveis pelas quais o eu-lírico pode passar.



FIGURA 2 – ANÁLISE DO POEMA “EU AMO: HÁ VIDA”. FONTE: GABRIEL (2013, P. 32, 33), COM ADAPTAÇÕES

Outros elementos semióticos podem ser destacados neste poema, como a composição de significados por meio do emprego das palavras e suas unidades fonéticas. Pedro Gabriel explora o sentido ambíguo produzido pela ausência do fone da letra h para modificar os sentidos da frase, conferindo-lhe duas possíveis interpretações: *Eu amo: há vida* e *Eu amo: a vida*. Assim a visão se depara com a primeira hipótese de interpretação, enquanto a audição, com a segunda, unindo-se as duas na construção plena de significados por meio das inferências possíveis nas análises dos argumentos.

Dentre as associações possíveis está o fato de a frase se dispor em uma construção cíclica, na qual o início e o fim do período se unem atribuindo-lhe sentido de infinitude, que se assemelha a construção sintática, da qual podem ser decodificadas versões diferentes: *Eu amo: há vida*, *Eu amo: a vida*, *Há vida: Eu amo*, *A vida: eu amo*. Assim como a forma como estão dispostas as palavras no suporte, pela qual o leitor ver-se obrigado a girar o livro para efetuar a leitura das duas frases, dando ênfase ao sentido cíclico da expressão por meio da interação e participação motora, além da intelectual habitual.

Destá forma, estão o amor e a vida, um condicionado ao outro, um valida o outro, de forma que a existência de um depende da existência do outro. Se houver vida, o amor pode existir, portanto, o eu-lírico declara amar a vida pois esta possibilita a existência do seu amor. Essa condicionalidade existencial mantém relação de similaridade com outra por meio de uma intertextualidade: “Enquanto há vida, há esperança”, dito popular originado a partir da bíblia cristã, comumente empregado para reestabelecer o sentimento de esperança quando este é posto em dúvida.

No poema a seguir, Figura 3, as convenções que constroem os sentidos são bastante significativas, visto que os signos apresentados se relacionam com seus objetos por cargas semânticas culturalmente impostas, assim, suas interpretações são múltiplas, e precisam ser delimitadas pelo arranjo sígnico proposto.

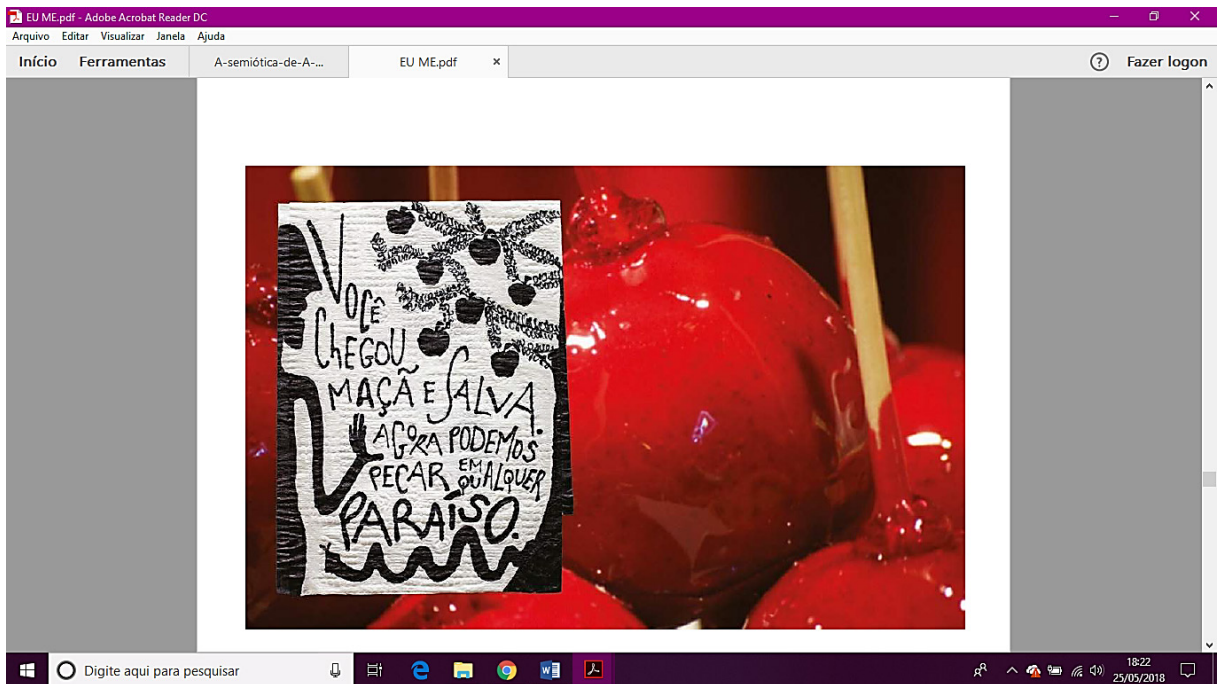


FIGURA 3 – POEMA “VOCÊ CHEGOU MAÇÃ E SALVA. AGORA PODEMOS PECAR EM QUALQUER PARAÍSO”.

FONTE: GABRIEL (2013, P. 138, 139)

A superfície da página é preenchida totalmente pela imagem de maçãs carameladas em vermelho vivo, a luminosidade aproveitada na foto dá a impressão de brilho e umidade à imagem; cravados nas maçãs há palitos de madeira amarelados parcialmente sujos de vermelho. O fundo da imagem é levemente desfocado, o que lhe dá um aspecto de escurecimento e imprecisão. Na página do lado esquerdo o retângulo texturizado com aspecto de um guardanapo de papel está ilustrado com palavras manuscritas de cor preta no centro, e nas margens há partes de sombras pretas que dão a impressão de uma pessoa na margem esquerda, uma árvore com galhos e frutos na margem direita e uma cobra na parte inferior.

Em sua relação com o objeto que pretende representar, o qualissigno da cor vermelha funciona como símbolo, pois representa o sentimento de amor e paixão por meio de generalizações adotadas por um grupo de pessoas, podendo representar também a sedução, dependendo do contexto no qual está inserida. Neste caso pode-se inferir que a cor vermelha simboliza o amor, pois está incorporada no ícone *maçã do amor*, que simboliza o amor, no entanto, a fruta em si funciona simbolicamente como índice da sedução, atração, da indução ao erro, por meio de uma convenção estabelecida que a relaciona ao pecado original descrito na bíblia cristã.

São inúmeros os possíveis significados e aplicações da maçã ao longo da história da humanidade, portanto, pode-se deduzir que, para compreender em qual sentido específico ela foi empregada na obra, é preciso associá-la aos demais signos que a acompanham, inserindo-a assim em um contexto específico. No cenário analisado, como descrito anteriormente, a imagem da maçã aparece como plano de fundo para a poesia disposta em um guardanapo de papel branco, no qual, além do poema, encontram-se também ilustrações do próprio poeta que complementam os sentidos do texto. Como o código visual se antecipa ao verbal na concepção mental, as ilustrações são apreciadas em primeiro plano pelo leitor, preparando a mente para receber a informação disposta verbalmente.

Assim, a primeira impressão do observador ao abrir as páginas referidas é o vermelho vibrante e intenso da fotografia das maçãs, seguidas pela parte branca do guardanapo, depois as ilustrações contidas neste. Estas ilustrações são ícones representativos por meio de características visualmente similares de uma mulher, uma macieira e uma serpente, podendo ser signos para o objeto da cena bíblica que descreve a indução que a serpente faz à mulher para comer o fruto da árvore do conhecimento, ou árvore da vida, como é popularmente conhecida.

Para criar este ícone, o ilustrador coloca a mulher em um primeiro plano, como figura mais próxima do observador, com as mãos abertas em direção à árvore que se encontra em segundo plano, mais ao fundo da imagem, dando uma impressão de distanciamento, interligando estas duas figuras está a serpente, com a cabeça próxima aos pés da mulher e a calda unida à imagem da árvore, conferindo assim a dedução por semelhança com o fato descrito culturalmente que a serpente conduziu a mulher para a árvore. É possível destacar que, neste caso, as imagens possuem uma significação completa, mesmo sem relacioná-las ao texto funcionando como ícones simbólicos de uma narrativa clássica.

No entanto, os sentidos conferidos ao texto necessitam de elementos exteriores a ele para serem denotados por um interpretante, de forma que, estes sentidos só serão possíveis por meio de analogias com outros signos, reforçando assim o processo de semiose construído pelo poeta para alcançar os objetivos da mensagem. Além das construções icônicas já mencionadas, o autor aproveita mais uma vez o conhecimento prévio do leitor para criar novos sentidos para um signo gasto, neste caso o mito do pecado original. Esta associação do poema com o mito é reforçada pelo emprego das palavras *maçã*, *pecar*, *paraíso*, formando assim uma intertextualidade com a conhecida crença.

Analisar a semiótica na obra *Eu me chamo Antônio* provoca a capacidade de abdução que proporciona uma infinidade de assimilações possíveis dentro de um quadro semântico desenhado pelo autor, que une signos diversos para ressignificar objetos conhecidos do interpretante, gerando novos sentidos, provocando novas sensações. A semiótica na obra, isto é, a maneira como os signos se organizam para significar seus objetos é aplicada por meio da união de signos diferentes, absorvidos pela consciência por sentidos de percepção diferentes, que significam por si próprios e ganham novos sentidos nos contextos aos quais estão submetidos, provocando a mente interpretante a concentrar sua atenção em sua construção, organização e apresentação a fim de compreender as possíveis significações de cada poema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o exposto ao longo deste trabalho, foi possível perceber que a semiótica é uma importante ferramenta metodológica na análise literária, pois permite desenredar os signos empregados nas composições em suas mais intrínsecas propriedades, de forma a analisar como estes se organizam e se relacionam na construção de significados frente aos seus objetos e seus possíveis interpretantes.

Estando os poemas construídos por diversos códigos linguísticos, sejam eles verbais ou não verbais, sua construção, seleção e organização é minuciosamente arquitetada pelo poeta, de forma que seus significados transbordam, pois não são empregados apenas pelos sentidos convencionais generalizados no meio social, mas novos significados podem ser atribuídos pela maneira como estes se organizam. Um mesmo signo possui diferentes significados dependendo do contexto no qual são empregados e quais os demais signos que os acompanham e a eles se unem para limitar a interpretação do receptor de acordo com a pretensão do emissor.

A partir dos estudos semióticos baseados nas teorias peircianas, foi possível constatar que os signos apresentam-se à mente em diferentes níveis: quanto a ele mesmo, por suas qualidades próprias, quanto a sua relação e a forma como representa o objeto, e quanto a sua relação com o interpretante, isto é, a maneira como este pode produzir significados na consciência. Por meio destas três etapas de análise o signo é desconstruído e suas relações postas em evidência de tal forma que os sentidos são ampliados para além da mensagem final, isto é, suas propriedades em si mesmas se justapõem a outras para gerar significados além dos evidentes.

A obra analisada apresenta particularidades não apenas pela forma icônica pela qual se apresenta, mais por seus elementos singulares, o guardanapo, a elaboração rudimentar, a grafia manual do poeta no papel, como também por ser uma das pioneiras no meio virtual, posto que esta ganhou conhecimento do público primeiramente nas plataformas digitais. Conseqüentemente, outras análises poderão ser feitas da obra literária, abordando, por exemplo, a intertextualidade empregada pelo autor por meio das expressões populares inseridas nos poemas, ou o uso do personagem Antônio como outra versão do poeta Pedro Gabriel.

REFERÊNCIAS

CELESTE, Jennifer da Silva Gramiani; DEFILIPPO, Juliana Gervason. De Paulo Leminski a Pedro Antônio Gabriel: Diálogos Atemporais na Literatura Brasileira Contemporânea. In: *Miguilim - Revista Eletrônica do Netlli*, v. 6, n. 1, p. 134-150, 2017.

GABRIEL, Pedro. *Eu me chamo Antônio*. Texto e ilustração Pedro Gabriel. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

----- . Intrínseca. Seção Blog/Colunistas. Disponível em:

<<https://www.intrinseca.com.br/blog/categoria/colunistas/pedro-gabriel/>>. Acesso em:

dezembro/2017.

----- . Perfil *Eu me chamo Antônio*. Rede Social Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/eumechamoantonio/>>. Acesso em junho/2018.

----- . Perfil *Eu me chamo Antônio*. Rede Social Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/eumechamoantonio/>>. Acesso em junho/2018.

PEIRCE, Charles Sanders, 1839-1914. *Semiótica*. Charles Sanders Peirce. Tradução José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PELLEGRINI, Tânia. Aspectos da produção cultural brasileira contemporânea. *Crítica Marxista*. São Paulo, 1995.

REZENDE, Renato, 1964. *Poesia brasileira contemporânea: crítica e política*. Rio de Janeiro: Azougue, 2014.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SANTAELLA, Lucia. *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. Pioneira, 2000.

SILVA, Maurício; LIBRELON, Talita. Eles eram muitos cavalos: Marcas da pós-modernidade na literatura brasileira contemporânea. *ContraPonto*, v. 2, n. 1, p. 252-262, 2013.

